

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

UM OLHAR SOBRE *TRÊS POETAS EUROPEUS* DE ARMANDO MARTINS JANEIRA

«A poesia é a revelação do Desconhecido, do mundo nebuloso e mágico, oculto sob a superfície da realidade certa. E como as regiões do Desconhecido são infinitamente mais extensas e mais ricas do que as da realidade já possuída, a Poesia é a mais rica e mais complexa expressão do Homem e do Mundo. O Poeta aplica o seu ser total à descoberta e compreensão do universo de si próprio: o pensamento, a fantasia, o inconsciente, a alucinação, o sonho; todas as forças racionais, irracionais, sobrenaturais, de que dispõe, são pontes que o levam ao país fantástico do Desconhecido. Daí o carácter maravilhoso do fenómeno poético. É de ser empreendida com a utilização de todos os poderes do ser humano que a obra poética recebe o seu cunho de síntese – e de universalidade.»¹

É com esta definição de Poesia que Armando Martins Janeira enceta a primeira página da primeira obra que publica, *Três Poetas Europeus*. Sob o pseudónimo Mar Talegre, o escritor apresenta um estudo sobre Camões, Bocage e Pessoa, numa altura em que já havia abraçado a carreira diplomática. Janeira revela-se sábio crítico nesta obra que é, aliás, fundamental na sua carreira intelectual, uma vez que ela contém já o germe dos seus futuros trabalhos. Este será provavelmente o seu trabalho mais pensado, aquele que mais tempo maturou no seu espírito, e no qual colocou toda a sua mais vivaz energia. *Três Poetas Europeus* e as outras duas obras que assina com o mesmo pseudónimo, *Sentidos Fundamentais do Romance Português* e *Esta Dor de Ser*

¹ Mar Talegre, *Três Poetas Europeus (Camões, Bocage, Pessoa)*, Livraria Sá da Costa-Editora, Lisboa, 1947. Ortografia actualizada.

Homem, terão sido elaboradas quase em simultâneo, correspondendo a um primeiro período de criatividade do autor. Aliás, elas formam um bloco tão hermético que o próprio Janeira, a partir de então, abandona o pseudónimo e passa a assinar os seus trabalhos com o seu verdadeiro nome.

O MISTÉRIO NA POESIA

OS CASOS DE CAMÕES, BOCAGE E PESSOA

Na análise dos três poetas, é certo que o autor não esgota a arte destes, mas abre caminho a novas considerações sobre a poesia portuguesa com espírito europeu. Janeira começa por comentar o surgimento do sentimento poético universal, defendendo que a fonte de inspiração de qualquer poeta é um milagre, só permitido pelo poder de forças que existem no homem, mas que ele próprio desconhece. Ora, a essência da Poesia «é a captação do Mistério». A poesia surge como produto de uma realidade que não a do dia-a-dia, como sentimento que se inspira na contemplação das belezas naturais.

A poesia verdadeiramente portuguesa distingue-se pela sua capacidade de se elevar aos planos mais superiores do espírito:

«Mas, se mesmo alguns dos nossos grandes poetas se ficam muitas vezes encasados na emoção do momento, sem procurar extrair o que nela pode haver de permanente ou de eterno, é verdade também que do nosso génio têm nascido poetas que no intelectual apenas se inspiraram, elevando-se a alturas de pensamento puro como raros outros na Europa. Antero de Quental e Fernando Pessoa são os dois grandes exemplos.

Isto mostra a amplitude e riqueza dos campos de que a poesia portuguesa se alimenta.»²

² À excepção da citação de *Figuras de Silêncio – A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje* e da citação de *Zen na Poesia de Fernando Pessoa*, revista Nova Renascença nº 23/24, Vol. 6, todas as citações constantes neste *O Mistério na Poesia, Os Casos de Camões, Bocage e Pessoa* são de Mar Talegre, *Três Poetas Europeus (Camões, Bocage, Pessoa)*, Livraria Sá da Costa-Editora, Lisboa, 1947. Ortografia actualizada.

A par deste amor pela poética portuguesa, há em Janeira um amor pela pátria que nesta obra é bem evidenciado quando contrapõe as suas ideias às de Keyserling, para quem a poesia portuguesa deriva apenas de instintos e paixões primárias e os poetas portugueses se resumem a seres apaixonados e contempladores da beleza das formas.

«Keyserling serve-se do documento da arte popular portuguesa, especialmente da música popular, para tirar a sua conclusão sobre o sentido da cultura portuguesa. O grosseiro e precipitado da confusão é bem evidente. Cito (...) Keyserling só pelo motivo de as suas palavras condensarem com clareza a corrente em que não creio.»

∞∞∞∞

Além de Janeira deixar bem claro que os poetas analisados são portugueses – «genuinamente portugueses» –, também lhes atribui a capacidade de não se resumirem às manifestações mais primárias do complexo psicológico português e conseguirem elevar-se a planos em que o homem surge como ser universal, sem grilhões a prendê-lo a um tempo e a um espaço específicos. Daí, o seu objectivo é exactamente mostrar como, através das suas obras, Camões, Bocage e Pessoa souberam apreender a essência do Mistério e as riquezas do Universo e transmiti-las com generosidade, pela poesia, aos homens. O trabalho destes poetas transcende o plano humano nacional e projecta-se na cultura europeia. É a este processo de «tributo à cultura e enriquecimento do espírito do continente» que Janeira chama europeidade.

A procura da verdade absoluta pela investigação do Mistério leva um poeta a mergulhar muito mais fundo na Natureza do que um filósofo ou um cientista. Ele vai até onde a alma lhe permite, ou seja, «penetra no cadinho onde se forja o Destino e

onde acontecem e existem, em essência, a Vida e a Morte, fundindo-as, juntando-as na linha do seu prolongamento harmonioso.»

Não é por acaso que Janeira escolhe três personalidades tão distintas na forma de vida e tão próximas na sensibilidade. Esta análise percuciente, como a classificou Daniel Pires, ensaísta e biógrafo de Bocage, merece relevo na obra de Janeira como um todo pela extrema clareza de pensamento que ela transmite.

Camões, Bocage e Pessoa confirmam a definição de Poeta do autor e, por conseguinte, coabitam harmoniosamente nesta obra.

CAMÕES

Para Janeira, Camões elevou-se tanto enquanto poeta lírico como enquanto autor épico de *Os Lusíadas*. Refira-se, contudo, que o conjunto dos poemas líricos de Camões apresenta uma temática pouco variada, pois centraliza-se à volta de grandes temas que, no fundo, estão intimamente ligados – a saudade, a Mulher, o sofrimento amoroso e as contradições do amor, a mudança, o desengano, o desconcerto do mundo. Já quanto à forma, Camões demonstra ser um admirável cultor de sonetos, pois estes, pela sua brevidade e pela sua estrutura, obrigam a uma grande concentração emocional que é defendida pelos clássicos. O poeta recorre com frequência às figuras de estilo que contribuem para imprimir um ritmo sugestivo às suas composições. Mas é em *Os Lusíadas* que ele revela uma inspiração única que não encontrará eco na sua restante poesia. Efectivamente, Camões soube cultivar todas as correntes do seu «século de ouro».

Numa conferência sobre Camões na Literatura Mundial, que decorreu na Universidade Nacional de Tóquio em 1970, Janeira reafirma, 23 anos depois, as ideias patentes em *Três Poetas Europeus* – a consciência de europeu de Camões, a ideia do

homem como cidadão do Universo, ou universalismo humano, o conceito de humanismo em que prevalece a ideia do valor do homem e da vida perante a morte, e mesmo prolongando-se para lá dela pela imortalidade, e o encarecimento das virtudes e potencialidades humanas, o espírito de liberdade, feito da consciência do valor pessoal e da independência do homem culto perante o poder e a riqueza (traço predominante na Renascença) e o conceito de heroísmo. Janeira reconhece que é globalmente através de *Os Lusíadas* que Camões fará prova destes sentimentos.

Europeidade

Os Descobrimentos são a faceta heróica da nossa história. O espírito ecuménico daí nascido está na origem da epopeia, que, segundo Janeira, não representa o prolongamento de conteúdos e formas literárias de uma tradição anterior.

É em Camões que mais conscientemente se define essa ansiedade de escrever o poema, e desde muito cedo.

«A Renascença dá a Camões novas formas e um novo espírito poético e humanista, e rasga-lhe novos horizontes poéticos; a sua vida, impregnada de aventura variada, do perfume de todos os mares e terras que os portugueses haviam rasgado, da atmosfera ainda palpitante e fresca das vitórias do Oriente, fornece-lhe uma rica experiência.»

A *Iliada* e a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio deixaram no Portugal culto, e na restante Europa, a semente para que o género épico fosse cultivado. Janeira entende que foi Camões o único poeta que em toda a Europa soube dar corpo a essa «ansiedade europeia de reflectir na epopeia todas as profundas transformações que o

mundo sofrera desde o século de Augusto.» *Os Lusíadas*, ao concentrarem os valores essenciais da civilização da época, fazem de Camões aquele que melhor revelou a sua consciência europeia no Portugal da Renascença. Comparando-o a Erasmo, Janeira acrescenta que Camões também desejava uma Europa unida. Aliás, ele estava totalmente consciente dos perigos que ameaçavam o continente e, por isso, cabia-lhe preservar a cultura até então criada.

Universalismo humano

É precisamente esta cultura, «em que se combinam harmoniosamente todos os valores criados pelo espírito humano, aliada a uma experiência densamente rica que lhe ensina a conhecer a natureza humana, as suas altitudes e fraquezas, que fazem de Camões um homem universal, um desses seres extraordinários que se erguem à visão vasta dos problemas essenciais e dos caminhos que conduzem a evolução dum povo.»

Segundo Janeira, os pilares do espírito camoniano são a clara consciência europeia, a par da concepção heróica da grandeza humana; em última instância, o seu universalismo. Só assim Camões seria capaz de expressar de forma tão eloquente o verdadeiro significado dos Descobrimentos. Não se trata de uma ambição nacional de alcançar terras longínquas, mas de uma missão continental liderada por Portugal. São os Portugueses que levam a Europa aos quatro cantos do mundo. «E as outras partes do globo são trazidas à Europa, através dos seus objectos de arte, das suas especiarias, dos relatos das suas civilizações e dos seus costumes, de maravilhas nunca vistas.»

Ao tocar outras terras, novos valores espirituais e novos conhecimentos vêm enriquecer o espírito europeu e conferir-lhe uma extensão ecuménica. A epopeia de Camões é o espelho deste espírito europeu, com todos os seus valores clássicos,

medievais e renascentistas, acrescido de valores novos, onde se incluem a definição do conceito de universalismo e a consciência da primazia da Europa.

O universalismo humano de Camões é, segundo Janeira, o que faz de *Os Lusíadas* a epopeia do Homem, «exemplificada na narração dos feitos de um punhado de marinheiros e de soldados e pela história de um pequeno povo moderno.»

Humanismo

Janeira afirma que o humanismo camoniano toca todos os graus da escala humana. «Aprofunda-se sobretudo nesses dois mais fortes sentimentos da sua alma – o amor e o ódio.» De facto, existe em Camões um ódio religioso que não delimita o seu humanismo, pois Camões não tem ódio ao homem. Este ódio religioso, como Janeira explica, tem um fundo político, é um «ódio à fé alheia pela exaltação da irrompente força mística da própria fé.» Mas o humanismo de Camões encontra eco verdadeiramente na exaltação da humildade.

«Não é nos grandes senhores de altas estirpes que ele encontra a substância do heroísmo, é antes do homem simples e anónimo, do marinheiro humilde das miseráveis ruas de Lisboa ou das pequenas aldeias perdidas, do filho do pobre povo, que ele faz o herói.»

Espírito de liberdade

«Esta heroificação do homem por si mesmo, pelo seu valor, e não pelo precedente do sangue, nem da fortuna, dão uma nota nova na literatura e denunciam em Camões um certo pensamento a que hoje poderia chamar-se democrático.»

O poeta orgulha-se de pertencer a um povo cujos feitos ultrapassam, em valor, os da Antiguidade. Daí que ele ponha em evidência a contribuição dos portugueses para a nova ciência do século XVI, toda voltada para a observação e a experiência. Como outros grandes escritores do seu século, entre os quais o mais mordaz é Gil Vicente, diz Janeira que «Camões atribuía à sua missão de escritor o dever de criticar os males da sociedade e de enaltecer os grandes ideais e sentimentos que movem o progresso da Europa – a justiça, a liberdade, a razão, a coragem física e moral, a piedade, o amor dos homens, o apreço pela inteligência e pelo saber.» *Os Lusíadas* são pois a síntese da gesta gloriosa dos Descobrimentos, mas são também reflexo da tragédia que a sombreou e que se adivinhava já na obra de Gil Vicente e na de muitos poetas do Cancioneiro Geral.

Heroísmo

Ao longo do poema, é exaltado o homem que combate os elementos da Natureza e que acaba por vencê-los, aproximando-se assim dos deuses. É graças ao esforço pessoal que o homem alcança a glória, mas a par da glória alcançada pelas armas, há a glória das letras. Este duplo herói – pelas armas e pelas letras – constitui o ideal da Renascença. Não admira que a ascensão do homem a herói seja, no parecer de Janeira, «o mais alto ponto do pensamento camoniano sobre a grandeza humana.»

«Mas este homem poderoso não é arrogante, orgulhoso de si, pois é tão rico de humanidade que a consciência da sua grandeza não destruiu, nem diminuiu sequer, a da sua humildade. Como herói, animado de um sopro divino, conquista o mundo; com

a cabeça toca o céu, mas os seus pés assentam na terra lodosa de que é feito e que não renega – *pequeno bicho da terra.*»

BOCAGE

Dos poetas analisados por Janeira, Bocage é aquele em que o autor mais fundo desce no íntimo, toca-lhe a alma e de lá vem completamente enternecido. De facto, Armando Martins Janeira denota um carinho muito especial pelo poeta e uma certa compaixão pelas vicissitudes da sua vida.

«À desorientação e perdição da sua vida (...) corresponde a desorientação da sua obra.

Mau grado as espessas contradições e incoerências, é possível, no entanto, determinar-se nesta os veios essenciais e o pensamento profundo em que ela assenta.»

No meio do caos, Bocage foi capaz de amar e de inventar um micro-universo onde o amor imperasse.

«O amor aparece ali como o pensamento fundamental, assim como o sentimento dele foi a fundamental experiência da sua vida. A concepção do amor está na base da concepção bocageana da vida e do seu sentimento da morte.»

Ao experimentar a dor e os sentimentos de Bocage através das palavras deste, Janeira dá uma leitura idealista da vida:

«A vida é feita de amor: nascemos para amar. O fim do homem é procurar ser feliz pelo amor: só no amor está a felicidade.»

E a Mulher surge como pilar desse ideal bocageano, pois «o Amor e a mulher são a sua razão de existir». Ora, para Janeira, é aqui que reside a grande contradição na personalidade de Bocage. A par de um ideal tão puro, surge o fatalismo, fatidicamente.

«Esta ideia da fatalidade do Amor deriva da sua concepção da fatalidade da vida, e do sentimento de que o Destino lhe impõe o caminho da desventura. Daí essa preocupação insistente em sondar os mistérios do Fado. A desventura é a triste pobreza da sua vida e, sobretudo, a infelicidade no Amor.»

Esta infelicidade e este desnorreio no amor, que Janeira nunca viveu, mas consegue avaliar, é responsável pela desarmonia e pelo desencanto na vida de Bocage, o que o leva a viver «a vida pelo sentimento e não pelo pensamento, e é profundíssimo o seu sentimento dela.» O que se pretende então desvelar é que Bocage vive em permanente conflito com o seu pensamento e é daí que advêm os excessos do seu sentimento.

«Ao contrário de Camões, que em Natércia unifica toda a sua ansiedade de amar, Bocage reparte e desloca constantemente o fogo do seu coração vário. Desta falta de concentração começa a nascer a sua tortura. Mas é o combate entre o Amor e a Razão, que lhe não deixa gozar, nem dar-se à sua loucura, é o fundo constitucional da sua alma cheia de incertezas, impulsos contrários e dúvidas, que faz o seu “inferno de amar”.»

Janeira reconhece que Bocage só pode amar alimentado pelo ciúme. O ciúme funciona como uma alavanca da desproporcionada paixão e da ânsia louca de querer atingir o amor perfeito. Essa ânsia transforma-se em incapacidade, origem da própria insatisfação do poeta. Sempre aliada ao fatalismo, há em Bocage uma busca de felicidade, ou libertação, ainda que pela morte:

«O Poeta não se aniquila neste infernal desespero. Pede à razão que o ilumine, reprime a ideia horrenda, o ardente frenesi, e então atinge a superação da luta interior – pelo desejo da Morte. O Poeta liberta-se da luta negra, desata-se dilaceradamente dos laços que o prendem à mulher amada, e eleva-se à serenidade e à renúncia, formando a aspiração de que ela seja feliz com outro a quem ama.»

É esta bondade interior e profunda que seduz Janeira. Para um homem que sempre amou a vida como veículo para a felicidade, não absoluta, e para o amor, não perfeito, pois conhece bem as limitações do próprio ser humano, Bocage surge como uma figura surpreendente e com muito por explorar. Janeira chega mesmo a apontar a Bocage uma saída na direcção do Mistério. A morte é um caminho tão válido como a vida.

«A morte é assim a evasão ao sofrimento, a fuga à dor pelo aniquilamento total. E não só ao sofrimento do amor, mas a todas as dores da vida. (...) A morte é o último bem que se oferece ao Poeta, ao refúgio derradeiro à sua infelicidade, ao seu desgosto do mundo.»

Apesar de Janeira nutrir por Bocage uma admiração intensa, não partilha do seu fatalismo. A alegria nos pequenos gestos da vida contrapõe-se ao sofrimento

rebuscado, e aí as duas personalidades afastam-se. Através da compreensão do ser mais profundo de Bocage, Armando Martins Janeira vê mais além na alma humana e ele próprio se enriquece. É como sofrer o sofrimento do outro, e com ele amadurecer.

PESSOA

Sobre Fernando Pessoa, Janeira fala com extrema segurança. Adquiriu-a através da sensibilidade com que entrou nas entrelinhas das suas composições. Tirou conclusões inéditas e revelou-as para que o poeta se engrandecesse mais ainda. Pois «Fernando Pessoa é certamente a personalidade mais complexa da nossa literatura, e uma das mais ricas.»

É na análise de Pessoa como um ser essencialmente religioso que Janeira levanta o véu da sua própria religiosidade. Se num dos seus escritos inéditos se afirma herege, dever-se-á ler nessa condição uma mera desaprovação da doutrina, pois Janeira nunca deixou de ser religioso e de amar o homem, seu semelhante. Simplesmente, como justifica muitos anos mais tarde, em *Figuras de Silêncio – A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*:

«A Igreja há muito que me fez perder a fé: mas outra a substitui – a fé na redenção do homem pelo esforço de se erguer para além dos seus próprios limites. Ajoelhei em templos budistas, xintoístas, taoístas, em mesquitas e sinagogas, em todos com a mesma veneração pelo divino que reside no coração dos homens e o mesmo respeito por aqueles que o adoram.»³

³ Armando Martins Janeira, *Figuras de Silêncio – A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1981. Ortografia actualizada.

E se defende que Pessoa é um espírito religioso, «não que ponha na sua obra qualquer nota confessional, ou a impregne de algum credo, mas pela sua atitude mística e pela sua crença nos mistérios da Vida, aos quais tão receptiva é a sua sensibilidade», está no fundo a espelhar o seu próprio pensamento. Porque Janeira sempre revelou abertura ao Mistério e ao prazer e à felicidade de a Vida ser objecto desse Além desconhecido. As confissões de Pessoa podiam ser as confissões de Armando Martins Janeira:

«[Pessoa] confessa ser “fundamentalmente um espírito religioso”, com a consciência “da terrível importância da Vida” e “de um dever a cumprir para com nós próprios e para com a humanidade”.»

Fernando Pessoa adopta esta postura porque a sua profunda religiosidade e a convicção do doloroso enigma da Vida lhe abrem um caminho para o Mistério. Para ele, o mundo é tão triste como misterioso, com forças visíveis e forças misteriosas, e são estas que o transportam para um plano acima do universo sensível, acima dos seres e das coisas, onde o Poeta alimenta religiosamente a sua alma. Pessoa tem consciência de que a sua inteligência é incapaz de descodificar estes mistérios, mas deixa que os seus sentidos deles se impregnem. Na opinião de Janeira, o sentido poético de Pessoa movimenta-se nesses dois mundos: o real e o misterioso. É este magnífico Mistério que expande o universo de Pessoa-Poeta e de Pessoa-Ser.

De certa forma, esta complexidade partilha com a harmonia a alma do poeta. No entanto, em *Três Poetas Europeus*, Janeira chama a atenção para um facto curioso: se ordenarmos todas as composições de Fernando Pessoa, heterónimos incluídos, pelas datas em que foram escritas, a harmonia perde-se e o poeta cai em contradição. O que interessará reter aqui é que as produções de Pessoa nasceram apenas de Pessoa.

Ora, se o poeta as atribui a pessoas fictícias, de tal modo caracterizadas e individualizadas que parecem ter vida própria, está a revelar igualmente a desarmonia da sua personalidade. Mas se Fernando Pessoa aspira à sublimação da dor das suas contradições interiores, é porque tem clara consciência delas.

Armando Martins Janeira salienta ainda que os heterónimos criados por Pessoa representam uma desintegração da personalidade global do poeta em várias outras personalidades. No entanto, a personalidade de qualquer heterónimo poderia ter constituído a personalidade fundamental de Pessoa. A análise de Janeira é bastante clara: existe um processo mental complexo que leva à consciente criação dos heterónimos que mais não são do que formas diferentes de uma mesma personalidade.

É oportuno referir aqui um estudo efectuado por Janeira sobre a filosofia *zen* na poesia de Fernando Pessoa, onde reafirma não crer na despersonalização do poeta. Segundo Janeira, a essência do budismo *zen* consiste em atingir uma nova interpretação da vida e das coisas. Citando Daisetz Suzuki, explica que a finalidade do *zen* é abrir os olhos da «razão suprema». O homem tem de fazer despertar todo o mais profundo sentido que se encontra adormecido desde o princípio da consciência humana. O homem vê directamente dentro da Realidade e só assim consegue captar essa Realidade, pelo surgimento de um mundo completamente novo.

«O mundo do intelecto e o mundo dos sentidos são um só. *Zen* procura atingir a unidade central do homem, na qual intelecto e sentidos, razão e não-razão se fundem, juntamente com a Realidade Absoluta em que o homem está imerso. *Zen* não admite a autoridade de opinião.»⁴

⁴ Armando Martins Janeira, *Zen na Poesia de Fernando Pessoa*, Nova Renascença, Verão-Outono 1986, Julho/ Dezembro, nº 23/24, Vol. 6

Assim, Yunnan disse: “Mata o Buda e todos os patriarcas!”, pois a filosofia *zen* defende que nada poderá atravessar-se no caminho que cada um percorre até à iluminação. O poder da mente é o grande inimigo. O homem não pode cair na armadilha da mente ardilosa. É aqui que Janeira aproxima Fernando Pessoa do *zen*: Alberto Caeiro não crê na força do intelecto. E escreve: “Porque pensar é não compreender”, “E a única inocência é não pensar”.

Zen não se define por palavras. Um velho mestre disse: “É apanhar a lua reflectida num límpido regato”. Este pensamento não se refugia no mundo abstracto e dos conceitos. Ao contrário, *zen* é o «real concreto». No mundo da realidade, o homem deve procurar a verdade das coisas; deve mergulhar tão fundo na sua busca até que a Realidade lhe seja revelada. O homem deve contentar-se com este conhecimento do mundo das coisas finitas, pois nelas se reflecte o Universo. Se ambicionar algo mais, se procurar transcender-se, separar-se-á do mundo da relatividade em que se insere e perder-se-á. Escreve Alberto Caeiro:

“Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.”

Janeira não crê nas explicações dadas por Pessoa para justificar a criação dos heterónimos – “motivo temperamental”, “despersonalização”, “drama em gente”. Se estas personalidades poéticas são tão distintas, nunca se unificarão “somente pelo temperamento e pelo estilo” como Fernando Pessoa defendia.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.